Cinzas – A Vida de Leia

Ronaldo Pequeno

Advertência

Se em algum momento o leitor se deparar com alguma inconsistência em relação à realidade, lembre-se, este livro não foi escrito por um historiador. E as opiniões expressas pelos personagens deste livro não são opiniões do autor.

“Life is a state of mind”
do filme Being There (1979)
Frase também usada como epitáfio do túmulo de Peter Sellers, 1925-1980.

Parte 1
Carne

I

Leia telefonou para a mãe a fim de se despedir, dizendo que passaria uns tempos fora da cidade, não disse exatamente onde. Esse era o sinal de que sua decisão era definitiva, sentiu-se uma idiota por não ter feito isso antes. As passagens já estavam compradas, ao meio-dia subiria num avião com destino a Deus sabe onde. Largou o emprego, mandou seu chefe tomar naquele lugar e assim que saiu da porta do escritório e se encontrou no meio da calçada, gritou de felicidade. As pessoas que passavam olharam torto para a cena, mas ela não conseguia se importar. Gritou como se soltasse algo que estivesse tanto tempo preso dentro de si, gritou num sinal de liberdade. Naquele dia ela não foi para casa de ônibus, preferiu ir a pé. Deixou que seus pés fizessem o trabalho da caminhada enquanto sua mente voava...

Era uma terça-feira.

Leia se lembrou de Vinicius e do quanto ele fora idiota. Lembrou-se de Rodolfo e do quanto ele era digno de pena. Só vem babaca na minha vida, pensou. Não queria pensar na possibilidade dela própria ser responsável por qualquer coisa ter dado errado, era melhor botar a culpa em qualquer outra coisa, qualquer pessoa, qualquer fator externo, menos nela mesma. Caminhando pelas avenidas com

o sol queimando sua testa, fritando os miolos que lhe restaram, Leia recapitulou as coisas que se passaram com ela. Tentou lembrar, como foi que tudo começou? Foi com o Vinicius? Não... Foi antes. Bem antes. Começou com um caderno.

Aquele caderno que Leia costumava escrever suas composições. Sim, ela escrevia muitos versos, nem sempre eram românticos, a maioria expressava raiva ou frustração. Algumas ela chegou a cantar, pedia a seu amigo Hermano que sabia tocar violão para fazer os acordes e cantava no ritmo. Mas outras ela não mostrava a ninguém, embora não tivesse coragem de jogar fora. Lembrar-se de suas composições a fez lembrar-se dos livros que leu. Lembrou-se que aos cinco anos aprendeu a ler, mas não achava muita graça nas coisas que lia. A mãe mandava que ela lesse a bíblia para ser salva, Leia nunca entendeu bem o que isso significava. Na infância, Leia não encontrava graça nos livros ou na televisão, mas na rua. Jogava bola com os garotos quase todo dia, um dia que ela não brincava na rua era um dia perdido. Chegava em casa suja, suada, com o rosto vermelho e cheia de feridas pelo corpo.

— Isso é jeito de uma moça se portar? – dizia a vizinha que sempre visitava sua mãe para falar da vida dos outros. – Dona Lucíola, a senhora não pode deixar sua filha solta desse jeito. A minha filha só brinca de boneca, toda arrumadinha, a coisa mais

linda do mundo, ela não se mistura com esses moleques do bairro.

Leia aprendeu cedo a ignorar certas coisas. Durante a infância, só tinha amigos homens. Sua primeira amiga mulher foi no ensino médio, quando saiu da escolinha do bairro e foi estudar numa escola de maior porte, já que durante esse período ela deixou de morar no pequeno bairro residencial e se mudou para mais perto do centro da cidade e das movimentadas avenidas. Passou certo tempo convivendo com grupinhos de garotas, mas depois acabou enjoando disso e voltou a ter só amigos homens. Enjoou das fofocas, da vaidade e da necessidade que as garotas tinham em ter relações com o sexo oposto. Não que todas as garotas que ela conheceu fossem assim, mas Leia não tinha paciência, por isso acabou generalizando seu conceito perante suas amigas mulheres. Generalizar conceitos passou a ser um hábito constante em sua vida, já que ela não sabia ter as coisas pela metade, satisfazia-se apenas com coisas inteiras e pensava que se não fosse assim, melhor não ter nada.

Caminhando pelas avenidas com o sol queimando sua testa, Leia passava por um processo de introspecção, explorando o abismo desconhecido que havia dentro de si, divertindo-se ao tentar responder à questão existencial filosófica mais básica.

Quem sou eu?

Lucíola Bezerra de Alencar, conhecida como Leia, filha de José Ferreira de Alencar e de Lucíola Dias Bezerra. Herdara o nome da mãe por opção do pai, a mãe queria que a filha tivesse nome santo como Maria ou Luzia. O pai era um dramaturgo sem criatividade, por isso todas as suas obras eram autobiográficas. A mãe divorciou-se dele ao se deparar com uma de suas peças que falava sobre adultério.

— Mas isso é ficção, amor. Vai destruir nosso casamento por causa de uma bobagem dessas? Pense na nossa filha.

— Chantagem emocional não funciona comigo. Pegue suas coisas e vá embora.

Dona Lucíola teve que criar a filha sozinha, o pai a visitou regularmente aos fins de semana durante os primeiros meses de separação, mas depois se mudou para Brasília onde constituiu outra família. Dona Lucíola dizia que não precisava casar-se de novo pois já tinha Deus no coração e isso já era o suficiente. Seu José deixou uma coleção de livros do Nelson Rodrigues na casa de sua antiga família na esperança de que Leia os lesse quando crescesse. Segundo Seu José, Nelson Rodrigues é a expressão mais pura do povo brasileiro.

Leia não gostava do povo brasileiro.

Uma de suas lamentações mais constantes era em relação ao fato de ter nascido no Brasil. No nordeste

ainda mais. Não que ela se identificasse com os coxinhas do sudeste, mas nunca entendeu a necessidade de ter que vir de uma terra tão pobre e miserável. Não que ela própria fosse pobre e miserável, sentia-se com sorte de ter pelo menos nascido na capital e pertencer à dita classe média, porém sua mãe contava várias histórias de sua fatídica infância no interior.

Talvez essa insatisfação com sua terra natal tenha gerado em Leia uma constante vontade de viajar. Ou talvez porque ela sempre nutrira uma vontade de conhecer o desconhecido. Gostava de se surpreender, principalmente porque ultimamente nada a surpreendia. Aos nove anos, Leia e Samuel fizeram uma aposta.

— Aposto os dois reais da minha mesada e um litro de cajuína que você não tem coragem de entrar na casa abandonada ali do fim da rua, Leia.

— Parece que não me conhece, menino inocente... O povo diz que aquela casa é assombrada, que tá cheia de alma perambulando por lá; o Denilson disse que entrou lá e jura que viu uma assombração que fez ele se mijar todo, mas eu sei que ele não precisa ver fantasma pra mijar nas calças. Pode ir comprando a cajuína, entro naquela casa na maior tranquilidade.

As palavras seguras de Leia não passavam de charme. Na verdade, ela não fazia a mínima ideia do que poderia encontrar na casa abandonada e

pensava que talvez os boatos fossem verdadeiros, que a casa realmente fosse assombrada e sentiu medo. Mas nem a pau ela admitiria isso abertamente, nem mesmo para Samuel, seu amigo mais próximo. Leia estampou a máscara da indiferença em sua expressão facial e caminhou impassível até a bendita casa. Samuel esperou do lado de fora e a viu empurrar a porta da frente que nunca estava trancada. A poeira da casa a fez sentir vontade de espirrar, mas ela se segurou, já que deveria continuar se mostrando intocada independentemente de qualquer coisa que estivesse naquela casa. A sensação de explorar o desconhecido foi aos poucos substituindo o medo. A delícia em aos poucos ir matando a curiosidade do que havia dentro daquela casa consumiu o corpo de Leia, fazendo-a arrepiar-se dos calcanhares até a nuca. Durante dois minutos sentiu-se plena por estar onde estava, mas passados os dois minutos, Leia percebeu que não havia nada de mais dentro da casa e acabou se sentindo enfadada daquilo. O deslumbramento foi intenso, porém temporário e curtíssimo.

Voltou para perto de Samuel com uma legítima expressão de desdém e estendeu a mão para que ele desse o dinheiro. Os outros meninos do bairro ficaram indignados com o fato de uma garota ter tido coragem de entrar na casa abandonada e eles não. A coragem de Leia levou vários outros garotos a fazerem o

mesmo e explorar com os próprios olhos o que tinha naquela casa que despertava tantos boatos assombrosos. Em menos de uma semana, descobriram que a casa funcionava como ponto de traficantes de drogas; um garoto teve a má sorte de invadir a casa no momento em que os criminosos realizavam uma transação e foi quase morto, não fosse a péssima perícia do traficante em atirar. O garoto foi visto chorando no meio da rua com a perna ensanguentada devido a uma bala que pegou de raspão e chamou a atenção de uma multidão que resolveu invadir a casa. Mas os traficantes já tinham partido e com a chegada da polícia, tiveram que procurar outro ponto.

Quando a notícia se espalhou, as crianças, incluindo Leia, passaram meses sem poder sair de casa, inclusive algumas famílias resolveram se mudar. Mas isso não foi o mais chocante, Leia jamais conseguiu acreditar na sorte que teve. Ela foi a primeira a entrar naquela casa, se tivesse sentido um pouco mais de curiosidade e explorado a casa por mais tempo, quem garante que ela não iria esbarrar com algum traficante? Quem garante que ela não teria sido alvejada simplesmente por estar no lugar errado na hora errada?

Sua mãe jamais soube de sua aventura na casa abandonada.

Leia tinha nove anos quando isso aconteceu.

Nove anos e já teve que bater de frente com a imprevisibilidade da vida.

A princípio sentiu-se impotente. Depois achou graça, disse a si mesma que deveria se acalmar pois nada aconteceu. E assim foi, até que ela crescesse.

II

— Preciso beber. – diz Leia assim que o juiz dá o apito final oficializando a derrota de seu time. – Eu não vou conseguir andar depois dessa.

Samuel segura Leia pelo ombro e a ajuda a caminhar para fora do estádio.

— Juiz filho da puta, se tivesse ao menos liberado o pênalti...

— Contestar a conduta moral da mãe do juiz não vai resolver em nada a situação, Leia. Fica calma, ainda tem a repescagem. – diz Hermano.

— Esse jogo era a repescagem, agora é esperar ano que vem. Samuel, vou deitar no banco de trás.

Os três atravessam a pista, suando como porcos, debaixo de uma luz solar que faz com que tudo ao redor tenha um tom amarelado. Samuel abre a porta de trás de seu carro e ajuda Leia a se deitar no banco.

— Eu preciso de uma cerveja gelada agora ou vou acabar morrendo, eu sei disso. Minha vista já tá ficando escura. —

— Ah, eu já esperava isso, time do meu ódio. Pior sou eu que continuo torcendo. – diz Samuel enquanto liga o carro, Hermano se senta ao lado. Samuel dá a ré e começa a dirigir.

— Na vitória e na derrota, meus companheiros. Isto é uma provação, devemos fazer como Jó e suportar as dores sem perder a fé. – diz Hermano.

— Cala a boca, Hermano. Samuel, bota uma música.

— Que música?

— Sei lá, qualquer uma.

— Los Hermanos?

— Isso é música de viado, bota outra.

— Você disse qualquer uma.

— Qualquer uma que não me faça duvidar da sua masculinidade, ok Samuel?

— Tá bom, Raça Negra.

— Você quer me fazer chorar ou o quê?

— Depois da surra que a gente levou, parece apropriado.

— Tem razão. – Cigana começa a tocar. — Eu vou devorar a alma do filho primogênito daquele juiz, que merda... Esse jogo foi comprado, o Maurinho não precisava daquele cartão vermelho.

— Ele quase arrancou a canela do outro jogador com um chute, Leia!

— Mas foi por engano.

— Três vezes?

— As pessoas erram, Samuel, aceite isso. E que bar longe é esse?

— Eu não tô indo pra bar nenhum, vou deixar vocês em suas respectivas casas.

Leia se levanta e olha para Samuel com um olhar enérgico.

— Você não é nem louco, toca pro bar agora.

— Não. É domingo, eu tô cansado e amanhã tenho trabalho.

— Hermano, convence o Samuel a levar a gente pro bar.

— Bó pro bar, Samuel.

— Isso, bó pro bar, Samuel!

— Que horas são?

— Hora de beber. Que diferença faz que horas são? Você tem consulta marcada, por acaso? Se tiver, desmarque, o Hermano te faz um exame de próstata quando você precisar, mas vamos pro bar agora, por favor!

— Eu ia ver minha namorada hoje...

— Você mora com ela, você vê ela mesmo se não quisesse, deixa de ser panda!

— O que é um panda? – indaga Hermano.

— Barriga branca, o cara que é mandado pela mulher. – responde Leia.

— Sério? Mas qual o sentido dessa expressão? Por que alguém dominado pela mulher teria a barriga de cor branca? Qual o contexto dessa analogia?

— O contexto, Hermano, é que o Samuel é um escravo de boceta. Foi difícil ela deixar você assistir ao jogo no estádio, passa só o resto do domingo com

a gente, você tem a semana inteira pra compensar com ela.

— Eu vou ter que ligar pra ela avisando.

— Aeeeeeeee!!!! – Leia beija a testa de Samuel. – Ai cara, valeu. Me diz, sua namorada ainda tem ciúme de mim?

— Não. Ela acha que você é lésbica.

— Quem dera, talvez assim eu transasse mais.

— Eu transaria com você, Leia, mas como amigo. – diz Hermano.

— Nossa, cara, valeu, eu realmente precisava saber disso, você acabou de tornar esse momento desnecessariamente desconfortável. Mas é uma honra saber que você se sente compadecido com minha carência física.

— De nada.

— Fica tranquila, Leia, o Hermano comeria qualquer uma mesmo. Você não conheceu a última namorada dele? – diz Samuel.

— Quem? A Bolha Assassina? – diz Leia com um sorriso desdenhoso.

— O quê? Vocês já deram um apelido a ela? – diz Hermano, irritado.

— Mas é claro, aquela criatura parece que não tem forma física definida, parecia que ia derreter quando se sentou na cadeira, fiquei com medo das pelancas dela sugarem minha mão quando a cumprimentei. – diz Leia, Samuel cai na risada.

— Vão tomar no cu, vocês dois. – diz Hermano.

— Eu não porque tô solteira, mas o Samuel vai jajá.

Risos, depois silêncio. Os três ficam sem falar nada por um tempo.

A Raposa e as Uvas de Reginaldo Rossi começa a tocar. Os três começam a curtir o som. Leia fecha os olhos e canta junto o refrão.

— Vocês acham que... – diz Hermano, mas Leia o interrompe:

— Cala a boca, Hermano, ninguém fala até a música acabar, são as regras. Panpanranpanpanpanpanran — ela canta. — E tudo que a gente transava eram três quatro cubas, eu era a raposa e você era as uvas, eu sempre querendo teu beijo roubar.

— Panpanranpanpanpanpanran. – canta Samuel.

— E por mais que você se esquivasse eu tinha certeza, que no fim do baile na minha lambreta, aquele broto bonito ia me abraçar.

Os três fazem a melodia da música com a boca. Leia sorri e se aconchega no banco de trás, sentindo-se estranhamente grata por estar ali. Ela olha para a janela, são quase cinco e meia da tarde, o clima já não está tão quente.

Caminhando pelas avenidas com o sol queimando sua testa, Leia se lembrou daquele domingo à tarde com uma incomum nostalgia. Poucas coisas agitavam seu espírito, assistir seu time jogar no estádio era uma

delas. Gritar junto com a torcida, vibrar a cada lance, nada se igualava àquilo. Talvez apenas um show de rock conseguia se equiparar. Naquele domingo à tarde, Leia se sentia cada vez mais distante de seu amigo Samuel, talvez devido ao tempo que ele dedicava à nova namorada. Samuel fora seu companheiro de farra desde a primeira vez que ela provou do álcool aos 14 anos. Aos 20, Leia testemunhou seu amigo se sentindo cada vez mais cansado da agitação, recusando convites de festas para ficar em casa descansando, não suportando mais ficar até tarde na rua. Leia não sabia se era o trabalho que estava consumindo as forças de seu amigo ou se era simplesmente a idade e o amadurecimento que o faziam despertar um desinteresse cada vez maior por coisas que um dia os alegraram tanto. Talvez fosse o trabalho, já que na época do ensino médio as saídas eram bem mais constantes, quando as únicas preocupações eram apenas passar de ano nas matérias, e isso já era bem estressante. Ninguém avisou que dali para frente as coisas ficariam mais difíceis. Aliás, avisaram sim. No último dia de aula o professor Ronivaldo ajeitou seu boné, bateu na pança e falou aos alunos com seu forte sotaque pernambucano:

— Quando eu olho pra vocês, meus alunos, é inevitável me lembrar da minha época de ensino médio. É impossível olhar pra trás e não sentir uma

vontade grande de voltar para aquela época com a sabedoria que tenho hoje. Voltaria no tempo não só pra consertar certos erros do passado que me afligem até hoje, mas pra reviver certos momentos, e talvez até aproveitar mais. Mas infelizmente não posso, o trem só anda pra frente, só me resta recordar e passar uma mensagem a vocês. Aproveitem. Agradeçam por serem jovens. Vocês têm todo o tempo do mundo pra fazer o que vocês quiserem da vida. Faça o que lhes faz bem. Faça hoje. Essa é a melhor fase da vida de qualquer ser humano, hoje vocês podem não concordar comigo, mas amanhã vocês sentirão falta dessas mesas, dessas cadeiras, desse professor chato aqui que só fala besteira. Mas amanhã vocês vão ver e vão dizer 'E não é que o professor Ronivaldo tinha razão?'. Daqui pra frente, eu não vou dizer que as coisas piorem, mas estejam certos, ficam bem mais difíceis. Por isso, aproveitem. Essa será a melhor fase da vida de vocês.

Assim que Leia ouviu isso ela inevitavelmente pensou "Espera... Quer dizer que essa vai ser a melhor fase da minha vida? Puta que pariu, eu tô fodida!"

E ao recordar isso, Leia não tinha certeza se o professor Ronivaldo tinha razão ou não. Não saberia dizer se o ensino médio de fato foi a melhor fase de sua vida já que não teve oportunidade ainda de ver as fases seguintes para poder comparar. Mas de uma

coisa ela estava certa. De lá para cá, tudo mudou. Se foi para melhor ou para pior, ela não saberia dizer.

Naquele domingo à tarde, Samuel conduziu Hermano e Leia até o bar.

Leia lembrou.

— Qual cerveja vocês pediram? – pergunta Hermano.

— A mais barata. – diz Leia.

— Boa pedida! Escutem, o Ladeira acabou de me ligar, ele disse que tá vindo pra cá.

— Quem é Ladeira? – pergunta Samuel.

— Samuel, você só pode ter Alzheimer. Ladeira, eu já te falei dele, a gente saiu com ele ano passado. Amigo do Rodolfo, lembra? – diz Leia.

— Rodolfo... Esse Rodolfo agora eu conheço, ele num tava bebendo com a gente naquele dia no Pitombeira?

— Tava sim, Samuel. Mas eu ainda não acredito que você não lembra do Ladeira.

— Da última vez que a gente saiu o Rodolfo começou a falar de umas paradas muito loucas sobre nada ser real.

— Espera, que história foi essa? – pergunta Hermano.

— Ele passou duas horas explicando uma teoria dele de que a morte não existe porque todos nós compartilhamos da mesma consciência cósmica

universal, ou seja, todos somos um, alguma coisa assim. – explica Samuel.

— Sério? – diz Hermano. – Que droga vocês deram a ele?

— Ele tava sóbrio. – diz Leia.

— O Rodolfo – continuou Samuel. – Ele estudou bastante sobre budismo. Quero dizer, ele cresceu num ambiente católico, foi batizado e fez primeira comunhão e tudo. Quando entrou na faculdade, se encontrou como ateu, vivia dizendo que essas coisas que o povo acredita é tudo superstição e que depois da morte não rola nada. E agora que ele por alguma razão se interessou por budismo, tá vindo com esses papos. Só o que falta agora é o cara virar muçulmano.

— Ontem mesmo ele chegou pra mim e perguntou se eu acreditava em Deus. – diz Leia enquanto enche seu copo. – Tipo, eu nunca tive muito papo com ele, mas do nada ele chegou perto de mim e perguntou "Você acredita em Deus?". Eu estranhei logo, achei que ele fosse um daqueles crentes que ia tentar me converter e tal. Daí ele explicou que costuma perguntar isso às pessoas porque gosta de saber das visões religiosas dos outros. Então eu respondi, falei que normalmente sim, acredito, mas às vezes quando tô muito puta da vida eu num acredito não.

— E depois? Ele tentou te converter ao budismo?

— Não exatamente. A gente conversou um pouco sobre religião, ele disse que gostava da época que era

ateu mas que o budismo o trouxe uma paz inigualável. Foi bem chato, na verdade. Ele explicou que a maior fonte do sofrimento humano é o desejo, que a partir do momento em que nos livramos dos desejos e do egoísmo, poderemos encontrar a iluminação. Só que eu acho muita balela essa história do cara passar vinte anos debaixo de uma árvore sem precisar comer e nem beber porque encontrou a tal da iluminação. Discordei dele, falei na cara mesmo, budismo é mó mentira. Egoísmo no mundo de hoje é praticamente uma necessidade. Falei que budismo é para sonhadores. Depois ele ficou um pouco atarracado, o assunto meio que morreu, não falamos muita coisa e eu peguei meu ônibus.

— Bem, espero que ele encontre o que esteja procurando. – diz Hermano.

— Tanto faz, meu time perdeu, só quero saber da minha cerveja. – Leia bebe tudo num gole só e enche novamente o copo.

Samuel atende o celular.

— Oi amor. Tô no barzinho. Tem mulher, mas é só a Leia, ela é minha amiga, não conta. Ô amor... Num vem com ciúme agora, tô com meus amigos, uma cervejinha inocente.

Leia dá um profundo suspiro, encara Samuel nos olhos com uma indisfarçável náusea.

Samuel se levanta e vai para fora do bar para poder falar com mais tranquilidade pelo celular.

Percebendo a expressão de Leia, Hermano pergunta:

— Tá tudo bem contigo?

— Sim. Tô ótima! Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Sei lá, só tô perguntando...

Hermano fica encabulado. Leia começa a falar do jogo para melhorar o clima. Depois de uns quinze minutos, Samuel volta.

— Desculpa, galera, vocês sabem como ela é. Vou ficar com vocês aqui mas não por muito tempo.

— Hermano, veja este projeto de homem que não consegue nem beber com os amigos sem ter que dar satisfação pra patroa. Caramba, você passou mó tempão no telefone, o que vocês tanto conversavam que não podia deixar pra depois?

— É particular.

— Sei...

— E eu não quero falar disso agora, vim aqui pra beber e relaxar, discussão já basta com a patroa.

— Ok.

Leia bebe sua cerveja com uma cara emburrada, mudando de expressão apenas com a chegada de Ladeira.

— CHEGUEI!!!!!!!!!!

— Ladeira, meu garoto, só você mesmo pra melhorar meu humor. – diz Leia, bagunçando os

cabelos de seu recém-chegado amigo. — Senta aê, pega um copo pra ti e me conta como foi teu dia.

— Meu dia foi chato, vocês não vão querer saber.

— Eu sei que seu dia foi chato, hoje é domingo, o dia de todo mundo foi chato, do contrário não seria domingo. Mas quero que você me conte mesmo assim porque eu sei que você vai me alegrar.

— Virei bobo da corte agora.

Dito e feito, Ladeira falou sobre atividades banais como tomar banho e escovar os dentes de forma que fez todos da mesa rirem.

E as risadas fizeram Leia se esquecer do mundo por um segundo.

E a cerveja começou a fazer efeito em seu organismo, fazendo-a lamentar profundamente o fato de se sentir distante de Samuel.

Lamentava em silêncio.

Lamentava sorrindo.

O celular de Leia toca.

Ela atende.

Quem fala na outra linha é Vinicius.

III

Por mais que Leia criticasse a forma como Samuel priorizava sua namorada em relação a seus amigos, ela sempre tinha tempo livre quando era para dar atenção a Vinicius.

— Pessoal, vou ao banheiro. Ninguém mexe no meu copo.

Leia se dirigiu discretamente até a porta do banheiro e se encostou na parede.

— Oi Vini. Não, eu não tô ocupada, pode falar.

— Lucíola... eu quero vê-la hoje.

— Hoje? Mas eu tô no bar com meus amigos, tá ficando tarde.

— Eu te busco de carro. Pode ser?

— Acho que não... Hoje não. Deixa pra amanhã.

— Hoje sim, Lucíola. Vai mesmo me deixar sozinho neste domingo à noite?

Chantagem emocional normalmente não funcionava com Leia, mas com Vinicius era diferente. Normalmente, Leia não gostava de pessoas que a faziam ir contra sua natureza.

A natureza de Leia não deixava que ela mudasse seus planos por ninguém.

A natureza de Leia a levava a fazer apenas o que ela quisesse fazer, por ela apenas e por mais ninguém.

A natureza de Leia fazia com que ela se preocupasse apenas com Leia.

Vinicius foi o único elemento existente no universo que levou Leia a ir contra sua natureza sem que ela nem chegasse a notar isso. Mas afinal, o que havia de mais nele?

Leia refletiu.

Por quê?

Será que porque naquela época ele era o único disposto a ouvir seus dramas?

Será que porque naquela época ele era o único com quem ela se sentia plenamente confortável e livre para falar sobre o que quisesse?

Leia lembrou que das primeiras vezes que saiu com Vinicius ela mais falava do que ouvia, ele raramente palpitava, simplesmente ficava ali deixando que ela desabafasse coisas que ela não tinha coragem de confessar a ninguém. Ninguém, exceto Vinicius. Por quê? Talvez porque eles não tinham nenhum amigo em comum, não faria sentido ele espalhar os segredos dela a alguém que não a conhece. Mas será que era só isso? Só porque Vinicius a ouvia? Não, claro que não.

Ele sempre dizia a Leia que ela tinha um potencial a ser desenvolvido, ele nunca explicou claramente o que isso significava. Dizia que ela pensava demais e vivia de menos. À medida que os dois iam se conhecendo melhor, Leia falava cada vez menos para

assim ouvir o que ele tinha a dizer. E ele tinha muitas coisas a dizer.

Mas como isso começou?

Começou com um caderno.

Composições que Eu Nunca Li, por Lucíola de Alencar.

Não li nada que você escreveu
Não sei de nada que você leu
Não sei se leu o que escrevi
Nem sei se ainda estou por aí
Sei que algo morreu
E eu não faço ideia do que seja
Sei que algo pereceu
Sem que eu nem veja
Não sei se era bom ou ruim
Só sei que era
Um lugar, uma bebida, um rim
Um aperto, um cheiro, um gim
Um trapezista
Um malabarista
Que dança, brinca e pula
Roda, cai, dá pirueta e vota no Lula
Só sei que deixei meu carro no ferro velho e acho que ele ainda está lá
Mas não tenho coragem de ir lá buscar
Porque da última vez que tentei, assaltado fui
Levaram meu relógio, carteira, identidade

Celular, notebook e minha dignidade
Mentira, minha dignidade ele não levou
Minha dignidade eu perdi não sei onde
Mas pra não passar vergonha eu digo que a levaram
E nem digo nada pois sei que muitos a chamaram
E se eu já perdi esse bonde
Se ele passou rente diante de mim
E eu só pude continuar parada como agora estou
Não me resta nada a não ser ficar de luto
É um parente que morreu, um amigo que partiu e está agora a sete palmos de terra
O que de certa forma não deixa de ser verdade
Porque não me resta nada a não ser ficar de luto
Eu não conheço o defunto
Eu só quero ficar de luto
Não sou parente, nem ente querido, nem nada do morto
Nem de preto estou
Eu só quero ficar de luto
Olhá lá, o padre fazendo o discurso citando os grandes feitos do defunto
Não presenciei nenhum deles
E pelo jeito, não terei a oportunidade de presenciar qualquer feito futuro
Que furo!
É o luto

Olha lá, vou cutucar o cadáver pra ver se ele acorda e assim a gente pode tomar umas cachaças e falar da vida

Cachaças não há mais

Vida nunca houve

Mas mesmo assim eu cutuco

Acorda, filho da mãe, acorda!

Você não pode morrer agora, não antes que eu tenha lido o que você escreveu

Não antes que você leia o que te escrevi

Leia, releia, tresleia, reflita, debata comigo o que diabos eu quis dizer quando escrevi aquilo

Dou-te uma noz de esquilo na esperança que você desmorra

Compro-te sorvete e o passo em cima de seus lábios mortos na esperança que você desmorra

Vou pra casa e cuido da minha vida na esperança que você desmorra

Durmo, almoço, leio, agonizo, esperneio, tudo na esperança que você desmorra

Enfio dois dedos na goela

Pra vomitar tudo que há dela

Vomito na janela

E o vômito suja uma senhora que passa na rua

Não rimou, eu sei, mas foi legal

Sério, juro pra ti, foi muito legal

Estes podem ser os versos mais sem sentido que você já leu

Mas tudo bem, nada faz muito sentido desde que você morreu.

— São versos muito bonitos, embora meio confusos. – diz Hermano. – É quase como se você estivesse escrevendo de improviso, botando no papel tudo que lhe vem à mente, por mais aleatório que seja.

— Sim, foi mais ou menos assim que escrevi. E aí, acha que dá pra fazer uma música disso?

— Acho difícil. São versos que possuem uma carga pesada de prosa. Só me mata uma curiosidade, pra quem você escreveu essa composição?

— Como assim?

— Em quem você pensou quando escreveu esses versos?

— Em quem eu pensei? Ora... Em mim mesma, quem mais? O defunto sou eu. Estou de luto por mim mesma, entenda isso da maneira que quiser. O que você achou? Que eu tinha escrito isso em nome de alguma decepção amorosa? Eu não sou tão clichê assim, você sabe disso.

— Sim, eu sei...

— Então, enquanto a gente não consegue fazer melodia com essa letra, vai tocando outra coisa.

Hermano começa a tocar o violão enquanto Leia guarda o caderno na mochila. Ele e Leia estão sentados no chão da praça perto da quadra de esporte. A praça fica perto da faculdade onde Leia e

Hermano estudam e se conheceram. Depois de uma cansativa manhã nas pesadas aulas de cálculo e equações, Leia se juntava aos alunos dos cursos de ciências humanas que se reuniam na praça para conversar, beber e fumar.

Naquela época, Leia não fumava maconha.

Dona Lucíola não gostava nem que a filha bebesse, quem dirá usar drogas.

— Bebida não leva a nada. Bebida é a água do diabo. Por isso tome cuidado, tenha consciência das cervejas que você toma. E não passe disso, por favor, Deus me livre de você se envolver com droga, ô coisa horrível.

Naquela época, Leia se contentava só com álcool. Dizia que não existe momento para beber, a bebida faz o momento. Por isso sempre trazia alguma bebida na mochila para dividir com os amigos na praça.

Hermano toca o violão enquanto Leia canta.

I drink to remember

I smoke to forget

Ladeira apareceu e se sentou perto deles, começou a falar sobre um show de rock que aconteceria naquela sexta.

Some things to be proud of

Some stuff to regret

— Vai ser o show do século, vai ficar pra história. O Brasil vai parar pra assistir a apresentação dos Bichos Escrotos. É obrigação de vocês comparecer.

Hermano concordou com a cabeça, Leia com o olhar. Ela continuou cantando enquanto Hermano tocava e Ladeira acendia um baseado com um colega.

— Vocês querem?

Hermano aceitou, Leia não. Hermano deu uma forte tragada enquanto Leia olhava com seu ar inquisidor. Hermano ofereceu para Leia mas ela disse:

— Não, obrigada. Não vejo graça em recorrer a esse tipo de substância pra me sentir bem.

— Álcool é pior.

— Isso é o que você diz. Não troco minha cervejinha por nada.

— Tudo bem, Leia, você que sabe. Tem alguma outra música que queira cantar agora?

— Não. Por hoje chega de violão pra mim, eu vou pra casa.

Leia se levantou, Ladeira entregou um cartãozinho contendo o horário e o endereço do show de sua banda. Ela sorriu, guardou o cartão no bolso da mochila e caminhou até a parada de ônibus.

Naquela época, Leia não trabalhava.

Naquela época, Leia achava que um emprego seria a solução de todos os seus problemas.

Solução não só para sua escassez financeira, mas também para seu tédio.

Já longe da praça, sentada na parada de ônibus, Leia abriu a mochila na intenção de pegar seu caderno, mas a garrafa de vodca que ela guardara

acabou chamando mais a sua atenção. Leia tinha 20 anos, completaria 21 naquele ano ainda. Fazia tempo que não saía com seu amigo Samuel. Sentiu-se pessoalmente ofendida quando ele disse que estava enjoando de festas e bebidas. E se sentiu mais ofendida ainda quando ela própria começou a enjoar de festas e bebidas. Mas nem só por isso, por mais que gostasse de estar perto de Hermano e Ladeira, ela odiava o fato deles fumarem. Odiava sair com eles e ter que suportar o forte cheiro de erva. Odiava ter que tomar banho para tirar o cheiro que impregnava em seu corpo quando voltava para casa. Leia suspirou e deu um grande gole do gargalo da garrafa de vodca. O sabor da bebida levou Leia a fazer uma careta. Ouviu uma risada. Um sujeito de cabelos crespos e de barbicha ria da careta que ela fez. Ele fumava um cigarro.

Naquela época, Leia se sentia fortemente incomodada com cheiro de cigarro.

A primeira impressão que teve daquele sujeito era de que ele era um babaca nojento.

A primeira impressão não é a que fica.

Leia o ignorou, guardou a vodca na mochila e começou a escrever em seu caderno.

— O que tu tanto escreves, pequena? – perguntou o sujeito.

— Te interessa?

Com sua resposta curta e grossa, Leia esperou que o homem a deixasse em paz e se recolhesse a sua insignificância. Mas não, o homem achou graça, aquela risada rouca a irritou mais ainda. Sem falar na fumaça do cigarro que vinha toda para a cara dela. Se ele quiser morrer de câncer isso não é problema meu, mas eu não mereço ser fumante passiva, então me poupe! pensou ela.

Leia fazia seus deveres de cálculo para se distrair, ao mesmo tempo pensava em escrever sobre idiotas que gastam a vida com cigarro e drogas.

Álcool é pior, lembrou Leia das palavras de Hermano.

Ela parou para pensar um pouco e escreveu *"Isso faz de mim uma hipócrita?"*

— O que te faz hipócrita?

— Que susto!

— Desculpe. – disse o homem enquanto acendia outro cigarro. – Mas me diga, o que te faz hipócrita?

— Pra quê você quer saber?

— Só estou curioso.

— Bem, a curiosidade mata. E pra sua informação, cigarro também.

— Hehe, ok.

Leia olhou para ele. O sujeito usava óculos quadriculados, pulseiras indígenas e possuía tatuagens tribais pelo braço. Ela nunca o vira na vida. Naquele momento, sua mente estava cheia devido a

questões como a ausência de Samuel, o tédio, a repulsa por substâncias que seus amigos tanto defendiam e afins. O sujeito parecia interessado em saber mais sobre ela ou conhecê-la melhor, Leia pensou se poderia falar de seus problemas para ele, não porque queria que alguém a ouvisse, mas simplesmente porque queria falar. Ela poderia falar para as paredes, mas geralmente elas não respondem, quem sabe aquele fumante tatuado babaca e curioso poderia dar um bom conselho. E se ele não quisesse ouvi-la e acabasse se incomodando, ela estaria pouco se fodendo, ele não era amigo dela nem nada mesmo. O que ela tinha a perder?

— Digamos que meus amigos curtem um baseadinho enquanto eu tenho nojo desse tipo de coisa. – disse Leia meio que impulsivamente.

— Isso te faz hipócrita? – perguntou o sujeito, agora ciente de que havia conseguido o que queria, com um sorriso de orelha a orelha.

— Bem, eu gosto de beber, mas meu amigo disse hoje que álcool é pior. Sei lá, eu tô confusa.

— Tudo bem. Temos tempo de sobra. Qual teu nome?

— Lucíola. Mas me chama de Leia, todo mundo que conheço só me chama assim.

— Se todos que tu conheces te chamam de Leia, então chamar-te-ei de Lucíola.

— Ok... mas isso é meio estranho, ninguém me chama de Lucíola.

— Exatamente. Pode me chamar de ‘ninguém’ se achar apropriado. Mas eu te chamarei de Lucíola porque é um lindo nome e isso me diferenciará em relação aos outros que tu conheces.

— Então tá...

— Tens pressa de ir pra casa?

— Não.

— Queres ir a outro canto? Um barzinho, talvez? Eu pago.

— Pode ser.

E foi assim que ela conheceu Vinicius.

IV

Sempre que Dona Lucíola levava a filha para visitar os avós no município de Irauçuba, Leia sentia na pele o sofrimento do nordestino.

Para Leia, Irauçuba era o lugar mais seco do mundo.

Irauçuba era o lugar mais quente do mundo.

Como se Deus concedesse uma amostra grátis de como é o inferno para alertar aos vivos do perigo da danação.

Não há nuvens em Irauçuba.

Apenas o sol.

O impiedoso, incessante, carrasco, cruel e inatingível sol.

Aos 15, Leia e sua mãe compareceram ao enterro de um renomado médico que como último desejo quis ser enterrado em sua terra natal, Irauçuba. Seu filho, que também era médico, discursou falando sobre o pai e como ele amava a profissão. Não é fácil ser médico no interior, principalmente no nordeste, não é fácil dar assistência médica a quem é pobre, o que faz com que o único jeito de realizar essa tarefa de maneira eficaz é se você for apaixonado pela profissão, explicou o filho. Seguiu a carreira do pai por conta própria, o pai queria que ele exercesse outra profissão porque segundo ele já havia médicos demais na família. Mas assim como meu pai, ele

disse, foi como médico no interior que eu me encontrei. Foi com o contato direto com o que existe de mais miserável nesse país que eu senti que estava fazendo algo produtivo. Disse que não era político, mas que sentia um prazer imenso em ajudar o povo necessitado, principalmente numa questão tão básica que é a saúde. Ele comparou a forma como havia se encontrado como médico no interior a uma passagem da Odisseia de Homero. Ulisses passa a Odisseia inteira querendo voltar para casa, Ítaca. Num dado momento, Ulisses atraca seu navio numa ilha onde a deusa Calipso o faz uma proposta. Ulisses adquiriria imortalidade junto com todos os tipos de luxo e conforto contanto que permanecesse na ilha ao lado de Calipso. E lá na ilha Ulisses ficou, e qualquer um pode achar que ele tinha todas as razões para ser feliz ali, e realmente tinha. Mas todas as noites, Ulisses ia até a beira da praia e chorava. Durante o tempo que ficou na ilha, não houve uma noite que Ulisses não fosse à praia e chorasse. Chorava com saudade de Ítaca. Chorava com saudade de sua terra natal. Chorava com saudade de casa.

O médico contou essa parábola para denotar o fato de que não importa onde você esteja, no fim você sempre quer voltar para casa. E Irauçuba era sua casa.

Ao fim do discurso, Leia chorou.

Leia não conhecia o defunto.

Leia jamais soube o nome do médico filho do defunto que discursou.

Leia nunca manteve qualquer tipo de contato com nenhuma pessoa que estava presente ali, antes ou depois do enterro.

Mesmo assim, Leia chorou como se estivesse testemunhando o sepultamento de sua própria mãe.

Anos mais tarde, Leia se lembraria das palavras do médico quando o professor Ronivaldo falou no último dia de aula: “Faça o que lhes faz bem.”

Já que o médico falou sobre identidade, sobre identificar-se com algo e se dedicar a esse algo até o último dia de sua vida e se sentir grato por isso.

Faça o que lhes faz bem.

Desde cedo, Leia se identificou com as ciências exatas porque os números não têm frescura. Dois mais dois é igual a quatro e pronto, acabou, fim de papo, não é necessário analisar a condição social do dois, ou se ele tem uma qualidade de vida digna, ou se ele está deprimido ou insatisfeito, dois mais dois é quatro independentemente de qualquer coisa; porque as ciências exatas são exatamente isso, exatas, precisas, frias e diretas. Diferente das ciências humanas que são sempre cheias de delongas e divagações, como um cachorro correndo atrás do próprio rabo, gastando energia para não chegar a lugar algum.

Ao terminar o ensino médio, ela imediatamente iniciou a faculdade no curso que queria. Não se arrependeu em nenhum momento, o que a colocava vários passos à frente de muitos de seus colegas que migravam de curso a curso sem saber o que queriam. Apesar disso, ela não chegou a se encontrar, como disse o médico de Irauçuba. Não se sentia satisfeita e nem insatisfeita, apenas entediada. Mas poderia ser pior, pensou. Ela poderia acabar como sua prima.

Aos 12, Leia passou quinze dias em São Paulo na casa de uma prima por parte de mãe.

Lembrou-se da bronca que sua prima levou do pai, marido de sua tia, devido a suas notas baixas na escola.

— A gente faz tudo por você, dá comida, casa, tudo. A gente só pede pra você fazer uma coisa, uma coisa só e somente, é estudar. Só isso que eu e sua mãe queremos, que você estude. Você vive pra estudar, não faz outra coisa da vida, não tem uma conta pra pagar. Só tem um dever na vida que é estudar. Não existe desculpa para essas notas, nada justifica isso.

E a filha tentava se explicar, que matemática era chato, que estava louca pra chegar o vestibular pra entrar numa faculdade que não envolvesse números...

— Mas você é um caso perdido mesmo. Você é a errada errante. Você erra e insiste no erro. Você erra achando que está certa. Não vou mais gastar minha

saliva com você, eu lavo minhas mãos. Você tem tudo pra ser uma menina estudiosa. Não é porque não quer.

O pai saiu do quarto e fechou a porta deixando a prima e Leia sozinhas.

— Ai que saco! Fala sério, será que o velho não se toca?

— Esse tipo de briga é normal por aqui?

— Claro que não, meu pai é louco por mim. Sou praticamente a princesinha dele. Minhas notas nem estão tão ruins, isso é só porque você está aqui e ele quer dar o exemplo.

— Meu pai está em Brasília com a outra família dele, qualquer exemplo consegue ser melhor do que isso.

Três anos depois, com o vestibular da prima se aproximando, Leia fez outra viagem para São Paulo a fim de fazê-la outra visita. Ela agora estava decidida a passar em Medicina.

— Por que Medicina?

— Simplesmente porque é o melhor curso! Dã...

— Ok... defina melhor curso.

— É o curso mais concorrido do Brasil, cê não tem noção. Tipo assim, todo mundo se mata de estudar pra entrar numa faculdade boa e tal, mas eu consigo porque eu sou fera e vou conseguir meu diploma.

Imediatamente Leia se lembrou do médico de Irauçuba. Será que a prima teria a paixão necessária para exercer tal profissão?

— Me diz uma coisa... – disse Leia. – Você se imagina como médica?

— Eu me imagino linda e maravilhosa no meu carro saindo para as festas, sem nenhuma preocupação porque salário de médico não é pouco.

— Ok, tudo bem, mas você se imagina exercendo a profissão médica? Tratando das pessoas e tudo...

— Claro ué, num é isso que médico faz? Por que você tá me perguntando essas coisas, hein Leia? Não tô entendendo...

— Nada não. Deixa pra lá.

Anos mais tarde, a prima se formou numa faculdade particular custeada pelo pai, exerceu a carreira médica, mas se recusou a clinicar no interior ou em hospitais públicos. A princípio, Leia achou que a razão da recusa era porque a prima não queria sujar suas mãozinhas burguesas com gente pobre, mas ela se explicou falando das condições precárias de trabalho que sofrem um médico que aceita trabalhar num canto desses, ela não tinha passado anos de faculdade para isso.

Leia não procurou saber mais notícias da prima. Gostava de estar com ela, mas odiava estar em São Paulo. Assim que descia do avião e botava os pés em solo paulista, Leia imediatamente queria voltar para casa. Sem falar que...

Em São Paulo as pessoas te olham torto se você anda por aí usando chinelo de dedo.

Em São Paulo as pessoas te olham torto quando notam seu sotaque nordestino.

Em São Paulo todo mundo é indie, cult ou hipster.

Em São Paulo ninguém é pobre, já que ser pobre é um defeito.

Leia não demorou muito para pegar nojo de São Paulo.

Bando de coxinhas...

É óbvio que nem todos os paulistas são assim, mas Leia não quis nem saber, generalizou como sempre fez. Voltou para sua cidade natal convicta, nunca mais voltaria para aquela terra suja, esfumaçada e seca de espírito.

Se algum leitor paulista se sentiu ofendido, foda-se, são opiniões da Leia não minhas, se quiser processar alguém, processe ela e me deixe fora disso.

Bom, continuando, Leia voltou para Irauçuba uma vez mais para ir ao enterro de seus avós. Estiveram juntos durante mais de cinquenta anos e morreram juntos quando o telhado da casa caiu sobre eles. Houve quem fizesse piada dizendo que o calor sobrenatural de Irauçuba causou o derretimento do concreto que sustentava as telhas da casa, causando a tragédia. Leia e Dona Lucíola ignoraram tais comentários bobos, não queriam gastar energia com nenhum babaca naquele dia. Enquanto os caixões desciam e um padre repetia textos aleatórios da bíblia,